





**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Comunicação: mídias, temporalidade e processos sociais 2

**Diagramação:** Daphynny Pamplona  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Gabriel Motomu Teshima  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Miguel Rodrigues Netto

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C741 Comunicação: mídias, temporalidade e processos sociais 2 /  
Organizador Miguel Rodrigues Netto. – Ponta Grossa -  
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-540-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.409211410>

1. Comunicação. 2. Mídias. I. Rodrigues Netto, Miguel  
(Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

O livro “Comunicação: Mídias, temporalidade e processos sociais 2” é uma obra multidisciplinar que reúne estudos científicos de pesquisadores de diversas partes do país e do exterior sob o eixo problematizador da mídia e de suas relações na sociedade. Ao todo dezessete capítulos estão reunidos neste segundo volume que consolida norteamentos presentes na primeira obra e ainda avança sobre temáticas novas que apontam para interdisciplinaridades ainda não exploradas.

A obra começa com um bloco de capítulos que dialogam diretamente com o fazer jornalístico como no caso do estudo sobre o gênero opinativo em revistas da área de saúde e também na fotografia jornalística como ferramenta para alunos ou mesmo no estudo sobre dispositivos móveis e construção da notícia. Percebemos neste primeiro bloco que embora o eixo norteador seja a visão jornalística, existe forte articulação com outras áreas como educação, política e cultura.

No segundo bloco de capítulos as pesquisas se abrem para outros campos da comunicação mantendo o perfil multidisciplinar da obra como pode ser visto nos estudos “Apontamentos sobre biopoder, biopolítica e biopotência na comunicação comunitária no ciberespaço”; “Ciberdemocracia e *fake news*: reflexões sobre o período eleitoral de 2018” e “O agro em tempos de pandemia: economia e saúde na textualização do político pela mídia”. Tais estudos se dão no campo comunicacional, mas é inegável a habilidade dos pesquisadores em dialogar com outras ciências produzindo estudos complexos e multifacetados.

No último bloco de textos aparecem aquelas pesquisas que dialogam de forma mais transversal e autônoma com as mídias, problematizando a partir de seus conhecimentos aspectos que perpassam pela relação com os meios. É possível nestes textos identificar abordagens a partir da sociologia, política, psicologia e filosofia. Tais abordagens não estão estanques, mas sim em movimento e influenciando na conceituação de fenômenos comunicacionais.

O objetivo central deste livro em seu segundo volume é ampliar ainda mais o diálogo multidisciplinar, o que pode ser verificado pela formação dos pesquisadores que perpassam por diversos campos do saber acadêmico e emprestam seus olhares a esta obra coletiva, escrita a muitas mãos, corações e mentes. A atualidade das discussões aponta para o momento em que vivemos que produz a inquietação do porvir e aguça o senso investigativo em busca de respostas que por sua dinâmica espiral produzem mais perguntas.

A imersão cibernética ocorreu de forma abrupta para muitos produzindo uma overdose de informações. Muitos estão cansados de lives, reuniões e eventos virtuais e do trabalho home-office, mas no novo normal estes processos sociais vieram para ficar. As plataformas digitais e o universo midiático que entraram definitivamente na vida das pessoas com o advento da pandemia da Covid-19, parece já causar menos estranhamento e começa a ser

mais desvelado tanto pelos estudiosos quanto pelos usuários.

Desejamos que Comunicação: Mídias, temporalidade e processos sociais 2 seja motivadora para seus objetivos em busca fontes para pesquisas futuras ou boa leitura e entretenimento. Afinal nestes tempos de pós-verdade e *fake news*, o que importa é a informação confiável e bem fundamentada.

Miguel Rodrigues Netto

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

DISPOSITIVOS MÓVEIS E CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA: UMA ANÁLISE DIANTE DA PARTICIPAÇÃO DO REPÓRTER LAERTE CERQUEIRA NA COBERTURA DO ATENTADO TERRORISTA DE BARCELONA

Miguel Rodrigues Netto

Daliana Martins Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114101>

### **CAPÍTULO 2..... 15**

CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO OPINATIVO NAS REVISTAS VEJA SAÚDE E VIVA SAÚDE

Brunna Ingrid Pinheiro de Sousa

Flaubert Cirilo Jerônimo de Paiva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114102>

### **CAPÍTULO 3..... 34**

EFEITOS DE SENTIDO SOBRE UMA PRÁTICA DISCRIMINADA: A CONSTRUÇÃO DE UMA MULHER MIGRANTE EM REPORTAGEM

Nádia Dolores Fernandes Biavati

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114103>

### **CAPÍTULO 4..... 46**

FOTOGRAFIA JORNALÍSTICA COMO FERRAMENTA PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Ismael García-Herrero

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114104>

### **CAPÍTULO 5..... 52**

O PAPEL DA MÍDIA IMPRESSA NO PROCESSO DE CONFIGURAÇÃO DO ATOR DA ENUNCIÇÃO, PARTICIPANTE DAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 NA CIDADE DE SÃO PAULO

Tânia Regina Exposito Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114105>

### **CAPÍTULO 6..... 64**

REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS NO SUPLEMENTO INFANTIL GURILÂNDIA: DIREITOS HUMANOS, CIVIS, POLÍTICOS E SOCIAIS NO JORNAL ESTADO DE MINAS DOS ANOS DE 1956 A 1964

Aline Choucair Vaz

Eliana Eduardo Gomes da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114106>

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>74</b>
APONTAMENTOS SOBRE BIOPODER, BIOPOLÍTICA E BIOPOTÊNCIA NA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA NO CIBERESPAÇO	
Patricia Franck Pichler Maria Ivete Trevisan Fossá	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114107">https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114107</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>86</b>
CIBERDEMOCRACIA E FAKE NEWS: REFLEXÕES SOBRE O PERÍODO ELEITORAL DE 2018	
Lohayne Silva Gregório Perini	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114108">https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114108</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>100</b>
O AGRO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ECONOMIA E SAÚDE NA TEXTUALIZAÇÃO DO POLÍTICO PELA MÍDIA	
Débora Pereira Lucas Costa Milton Mauad de Carvalho Camera Filho Cristinne Leus Tomé	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114109">https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114109</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>111</b>
VISUALIDADE ALGORÍTMICA E CARTOGRAFIA CIDADÃ DA PANDEMIA - COVID-19	
Kenzo Soares Seto	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141010">https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141010</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>123</b>
MÍDIAS SOCIAIS E PROPAGANDA POLITICA ENTRE MANIPULAÇÃO E CENSURA	
Edgar Esquivel Solís	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141011">https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141011</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>138</b>
COMUNICAÇÃO E CIDADANIA CORPORATIVA: A QUESTÃO DA SUSTENTABILIDADE	
Mafalda Eiró-Gomes Ana Luísa Raposo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141012">https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141012</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>151</b>
COMUNICACIÓN: MEDIOS, TEMPORALIDAD Y PROCESOS SOCIALES 2	
Elizabeth Carabalí Donneys	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141013">https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141013</a>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>156</b>
REDES SOCIAIS E COMUNIDADES DE PRÁTICAS	
Luiz Carlos Affonso	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141014>

**CAPÍTULO 15..... 178**

TRANSTORNO MENTAL E ESTEREÓTIPOS: A PROPAGAÇÃO PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Nadya Maria Macedo Pereira

Eliane Ribeiro Magalhães Fortes de Melo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141015>

**CAPÍTULO 16..... 190**

*IDOLS* EM DRAMAS TELEVISIVOS CHINESES: CONTEXTO HISTÓRICO, POP E SUBVERSÃO POLÍTICA EM *THE UNTAMED*

Tatiana Machado Boulhosa

Guilherme William Udo Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141016>

**CAPÍTULO 17..... 202**

AS RELAÇÕES HUMANAS EM TEMPOS DE UMA NOVA ERA VIRTUAL

Victor Antunes de Souza Serrão

Jadson Justi

Edriline Barbosa Lima Justi

Jamson Justi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141017>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 220**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 221**

# CAPÍTULO 15

## TRANSTORNO MENTAL E ESTEREÓTIPOS: A PROPAGAÇÃO PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

*Data de aceite:* 01/10/2021

*Data de submissão:* 10/09/2021

**Nadya Maria Macedo Pereira**

Faculdade Gianna Beretta

São Luís – Maranhão

<https://orcid.org/0000-0001-7590-7086>

**Eliane Ribeiro Magalhães Fortes de Melo**

Pesquisadora na Universidade CEUMA

São Luís – Maranhão

<https://orcid.org/0000-0002-3496-7901>

**RESUMO:** Este artigo tem como objeto de estudo o processo de formação e difusão de estereótipos, com foco naqueles ligados aos transtornos mentais, e a influência dos meios de comunicação na perpetuação destes. Para tanto, procurou-se analisar, através de revisão bibliográfica, o processo de construção das representações sociais, embasando-se na Teoria de Serge Moscovici, com o intuito de compreender: a propagação de pensamentos e percepções comuns a uma coletividade; a difusão dos estereótipos; e as formas como as mídias contribuem para perpetuar rótulos perigosos ao bem-estar de sujeitos acometidos por transtorno mental. Ao concluir este estudo foi possível perceber os mecanismos de perpetuação de estereótipos e, assim, apontar possibilidades de desmistificação dos transtornos mentais, bem como notou-se que essa discussão deve ser ampliada e atualizada, visto que o número de produções científicas ainda é mínimo e, em

sua maioria, datados há mais de 10 anos, o que também justifica a importância dessa pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estereótipos. Comunicação. Representação Social. Mídia. Transtorno mental.

### MENTAL DISORDERS AND STEREOTYPES: PROPAGATION THROUGH THE MEDIA

**ABSTRACT:** This article has as its object of study the process of formation and diffusion of stereotypes, focusing on those linked to mental disorders, and the influence of the media in their perpetuation. Therefore, we tried to analyze, through a literature review, the process of construction of social representations, based on Serge Moscovici's Theory, to understand: the propagation of thoughts and perceptions common to a community; the spread of stereotypes; and the ways in which the media contribute to perpetuate labels that are dangerous to the well-being of subjects affected by mental disorders. At the end of this study, it was possible to perceive the mechanisms of perpetuation of stereotypes and, thus, point out possibilities of demystifying mental disorders, as well as it was noted that this discussion should be expanded and updated, since the number of scientific productions is still minimal and, mostly dated more than 10 years ago, which also justifies the importance of this research.

**KEYWORDS:** Stereotypes. Communication. Social Representation. Media. Mental disorder.

## 1 | INTRODUÇÃO

No intuito de compreender o processo de formação e difusão de estereótipos e a influência dos meios de comunicação na perpetuação desses, em especial dos ligados ao transtorno mental, faz-se necessário, antes de tudo, entender a comunicação e sua relação com estereótipos, por isso este artigo inicia conceituando-os.

A comunicação é o fenômeno em que, através da troca de experiências, torna-se possível afetar uns aos outros, modificar as disposições mentais e construir a dimensão social. A palavra é uma importante mediadora entre homem e meio em todo esse processo e, dentre suas muitas funções, está a de transportar estereótipos (BACCEGA, 1998; ALEXANDRE, 2001).

De acordo com Azevedo e Silva (2017) estereótipos são representações ou imagens projetadas sobre algo ou alguém, sendo uma construção coletiva que pode ter duas direções: a negativa, que tem o preconceito como base; e a positiva, que tem a identidade social do indivíduo como base. Cabecinhas (2002) colabora com o conceito apontando que essas imagens mentais a respeito da realidade se apresentam como uma espécie de lente, oriunda de referências próprias, que são utilizadas para explicar e, ao mesmo tempo, entender de maneira mais simplista um mundo demasiadamente complexo.

Comunicação e estereótipos estão ainda mais articulados quando se considera a Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici, que conforme explanado por Alexandre (2001), versa sobre a “localização” da instância subjetiva nos espaços coletivos e a propagação de pensamentos e percepções comuns a uma coletividade.

Moscovici analisou, através da psicanálise, psicologia, sociologia e teorias da comunicação, a relação entre a compreensão dos indivíduos sobre as questões sociais e a difusão de mensagens pela mídia, constatando que a representação social é um elemento eficaz na orientação de comportamentos e que os veículos de comunicação têm o poder de influenciar o modo de pensar e agir dos indivíduos que, por sua vez, são também produtores e disseminadores das representações sociais.

Esse processo pode acarretar uma série de consequências justificadas pela generalização que se comete. Neste artigo, elege-se a criação de estereótipos como a consequência a se destacar e o grupo sobre o qual se dá o estudo é o da pessoa em sofrimento mental.

As associações entre transtorno mental e violência (que estatisticamente não se confirmam), o saber científico simplificado ou distorcido nas notícias sobre o assunto (COSTA, 2016; PINHO, 2009) e o uso de metáforas inadequadas, utilizando nomenclaturas psiquiátricas, apresentam-se como os estereótipos mais comuns difundidos pela mídia, relacionando-os aos transtornos mentais.

Por fim, aponta-se trilhas possíveis, a partir do olhar da psicologia, objetivando a desmistificação dos transtornos mentais.

## 2 | METODOLOGIA

O presente artigo configurou-se como revisão bibliográfica com fim exploratório, tendo como finalidade pesquisar e analisar o processo de formação e difusão de estereótipos, implicando as responsabilidades dos meios de comunicação na questão.

No aspecto eleito (transtorno mental), notaram-se pesquisas aprofundadas na discussão, com fortes inquietações e domínio teórico, contudo, o número de produções científicas ainda é mínimo e, em sua maioria, datados há mais de 10 anos. Por isso, essa discussão deve ser ampliada e renovada, o que justifica a importância dessa pesquisa e coaduna com a percepção de Rampazzo (2005) sobre a finalidade exploratória, definida como o passo inicial de uma pesquisa, sendo uma observação não-estruturada recomendável quando há poucos conhecimentos sobre o problema a ser estudado.

Ainda de acordo com o autor (2005), a revisão bibliográfica parte de referências teóricas já publicadas para explicar e somar à um problema, estando sua importância no fato de que qualquer tipo de pesquisa, em qualquer área, requer uma pesquisa bibliográfica prévia para embasamento.

Para a consulta do tema buscou-se materiais nas bases de dados do Google acadêmico, nas plataformas científicas do portal Scielo e matérias nos sites Huffpost Brasil e Conselho Federal de Psicologia, realizado no período de novembro a dezembro de 2018, sem especificação de ano de produção, utilizando palavras-chave, como: saúde mental; estereótipos; transtorno mental; mídia; comunicação social; formação de estereótipos. Inicialmente, foram encontrados mais de 100 artigos correspondentes ao assunto de maneira geral.

A partir de então, recorreu-se à análise de conteúdo a partir da técnica de Bardin (2011), que delimita três fases para a organização do conteúdo: 1) pré-análise: onde realizou-se o reconhecimento geral do material utilizando da leitura flutuante, que consiste no primeiro contato com os textos e demais fontes a serem analisadas. Assim, se iniciou o processo de triagem, onde priorizou-se a interseção entre os assuntos mencionados nas palavras-chave, entrando na segunda fase: 2) Exploração do material, onde foram codificados 39 estudos de conteúdo aproximado à proposta de discussão pretendida. Ao final, já na fase 3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação, foi realizada leitura crítica e reflexiva, resultando no recorte de 16 materiais classificados entre artigos publicados em revistas e matérias jornalísticas em site, que ampliaram a compreensão do tema abordado e contribuíram na constituição do presente estudo.

## 3 | RESULTADO E DISCUSSÃO

### 3.1 Comunicação e representação social

A comunicação é um fenômeno amplamente estudado nas mais diversas áreas do

conhecimento humano. Neste artigo, que visa compreender a comunicação no processo de construção de representações sociais, a análise feita por Alexandre (2001, p.113) aponta esta relação:

A comunicação é o processo da troca de experiências para que se torne patrimônio comum. Ela modifica a disposição mental das partes envolvidas e inclui todos os procedimentos por meio dos quais uma mente pode afetar outra.

Nos procedimentos citados acima estão incluídos a música, as artes plásticas, cênicas e todo comportamento humano que é compreendido como meio para afetar uns aos outros e, conseqüentemente, modificar as disposições mentais, assim, construindo a dimensão social. Ao aprender a falar, o homem também aprende a pensar - isso quer dizer que ele estabelece sua relação com o mundo, principalmente, através de palavras - e essas transportam conceitos e estereótipos (BACCEGA, 1998). Para a referida autora, não é possível fazer uma separação precisa entre *conceito e estereótipo*, no entanto, esta faz uma tentativa de elucidar a questão:

[...] apontando para o fato de que a descrição da realidade, que se obtém através de um processo cognitivo com uma tendência majoritária (não unicamente) objetivo-descritiva, resulta do/no conceito, ao passo que no estereótipo encontraremos a predominância dos aspectos valorativos, dos juízos de valor, com suas bases emocionais (BACCEGA, 1998, p.7).

Conceitos e estereótipos estão inevitavelmente presentes no processo de comunicação, ocasionando interferências na percepção da realidade. Essa constatação vai de encontro à Teoria da Representação Social de Serge Moscovici.

Moscovici retomou este conceito na década de 1950, por meio de seus estudos na psicanálise, objetivando desenvolver a teoria no campo da Psicologia Social, sendo o primeiro a mencionar a expressão “representação social”, que se referencia na obra de Émile Durkheim, e este, por sua vez, abordava (pelo viés sociológico) os fatos sociais através de seu conceito de “representações coletivas” (ALEXANDRE, 2001).

Na definição de Moscovici, a representação social remete-se à “localização” da instância subjetiva nos espaços coletivos, diz sobre a propagação de pensamentos e percepções comuns a uma coletividade. Moscovici analisou, através da psicanálise, psicologia, sociologia e teorias da comunicação, os processos pelos quais “os indivíduos elaboram explicações sobre questões sociais e como isso de alguma forma relaciona-se com a difusão de mensagens pelos veículos de comunicação” (ALEXANDRE, 2001, p.113).

Ainda de acordo com Alexandre (2001), sob a luz da teoria de Moscovici, na década de 1960 a sociologia e a psicologia passaram a estudar o poder da mídia sobre o mercado consumidor de informação, apontando assim suas influências na formação da nova sociedade. São muitos os pesquisadores que concordam com a ideia de que a mídia exerce uma poderosa influência no modo de pensar e se comportar do indivíduo, ou seja, na produção e veiculação das representações sociais (CAMARGO; BARBARÁ, 2004 apud

GOETZ et.al, 2008).

Igualmente embasando-se na teoria de Moscovici, Goetz et al (2008) apontam que o público é para a mídia tanto consumidor quanto produtor do conhecimento e as representações sociais são constituídas e propagadas também por estes por meio das práticas do cotidiano. Assim, a interação entre os atores sociais pode acontecer por meio de diferentes sistemas de comunicação elencados por Moscovici (1978 apud GOETZ et al, 2008) da seguinte forma:

- a. Propaganda, que é caracterizado pela intenção persuasiva.
- b. Propagação, que é organizado em torno de uma crença a ser propagada por membros de um grupo.
- c. Difusão, onde a informação é o produto, e o objetivo contribui com um saber comum.

No que diz respeito à disseminação de representações sociais relacionadas à pessoa com transtorno mental, o sistema de difusão (letra c) apresenta-se de forma deficitária na mídia, uma vez que para alcançar o grande público, muitas vezes, o saber científico é simplificado, distorcido ou degradado (GOETZ et al., 2008) e assim popularizado, prejudicando a compreensão social sobre o transtorno mental, conseqüentemente, sobre o tratamento e a inclusão social.

Embora o foco deste artigo seja a contribuição da mídia para a perpetuação de estigmas ligados à saúde mental, cabe ressaltar que os veículos de comunicação possuem um papel também no sentido inverso: de conscientizar, aproximar histórias de vida e popularizar o conhecimento científico. Nesse sentido, tanto pode usar de sua influência para difundir e reforçar estereótipos, como também para desconstruí-los.

### **3.2 Difusão dos estereótipos**

Baccega (1998) lança a seguinte questão a fim de fomentar o pensamento crítico a respeito do papel da mídia na difusão dos estereótipos: seria justamente a utilização de estereótipos o que mantém os meios de comunicação presentes em nosso cotidiano, conservando e influenciando visões cristalizadas? A autora aponta para os possíveis mecanismos de manutenção de estereótipos com os quais a mídia pode colaborar.

Desconstruir visões cristalizadas e adequar o saber científico ao saber popular nem sempre garantiriam os benefícios almejados pelos veículos de comunicação. Em sua pesquisa sobre o sensacionalismo da imprensa em crimes de natureza psicopatológica, Barros (2003, p.25) elenca os possíveis benefícios da imprensa:

Primeiro é preciso considerar que os jornalistas agem assim porque são profissionais de comunicação e, hoje, trabalhando pautados por índices de audiência e pesquisas quantitativas e qualitativas de circulação de jornais e revistas, adotam ou perpetuam estilos de comunicação que geram mercado para seus veículos [...] Esta é a explicação socioeconômica.

O autor (2003) destaca que além do fator socioeconômico, há também o fator

psicológico que a mídia utiliza, em alguns casos, para manter os índices de audiência. Baccega (1998) evidencia as motivações que levariam o público a apreciar esse estilo de comunicação: as emoções suscitadas, exageradamente exploradas; e a manutenção das crenças maniqueístas que delimita o bem e o mal – à medida que se conhece o mal no outro, reafirma-se o bem em si próprio; dentre outras motivações.

Charles Wright (1973 apud ALEXANDRE, 2001, p.114) define como um dos objetivos da comunicação em massa a “transmissão de cultura, de valores e normas sociais de uma geração para a outra, de membros de um grupo para outro”. Dentre os aspectos negativos da comunicação em massa, Alexandre (2001) menciona que esta encoraja uma visão passiva e acrítica da sociedade e difunde uma cultura homogênea que destrói características culturais de cada grupo.

Machado (2004, p. 486) afirma que “o sujeito que se identifica com o que lê reafirma suas significações, incorpora novas ancoragens e passa a ter mais referências para estar como ser no mundo”, mas ressalta que o sujeito não ocupa apenas a posição passiva ou de mera identificação, já que também pode discordar do que ler, negando o que está sendo propagado, reafirmando sua própria opinião. Assim também acontece no coletivo, onde as informações serão analisadas e debatidas nos círculos de convivência do sujeito, estruturando seu caminho cognitivo interior, ou seja, seus valores pessoais e discernimento.

O julgamento sensato das informações e o discernimento de cada indivíduo perpassam, no entanto, pela cultura que carrega os conceitos constituídos socialmente, mas que também podem ser confundidos com os estereótipos. Nesse sentido, Baccega (1998, p.10) reforça a diferenciação sutil entre conceito e estereótipo:

O estereótipo, assim como o conceito, é um reflexo/refração específica da realidade - ou seja, reflete com desvios, como um lápis que, colocado em um copo de água, “entorta” -, mas o estereótipo comporta uma carga adicional do fator subjetivo, que se manifesta sob a forma de elementos emocionais, valorativos e volitivos, que vão influenciar o comportamento humano.

A autora alerta sobre o perigo de confundir os dois, visto que o estereótipo usado como se fosse um mero conceito fica com sua carga negativa dissimulada, levando à dificuldade de questionar algumas aprendizagens por acreditar que seja cultura e não um estereótipo que contribui com o preconceito. Considerando a complexidade da questão, são diversos os grupos que sofrem as consequências da difusão dos estereótipos, que muitas vezes envolve exclusão e outros percalços.

### **3.3 A relação entre a mídia e saúde mental**

Para este trabalho, busca-se evidenciar como a mídia, ainda nos dias de hoje, utiliza estilos de comunicação que perpetuam estereótipos negativos ligados a pessoas identificadas com transtornos mentais.

Kucinski (2000) faz relação entre a conquista do direito de cidadania (através da

redemocratização do país e Constituição de 1988), os novos conceitos de saúde que surgiram e o papel ético do jornalismo no âmbito da saúde, compreendendo a informação como parte do direito de “ter saúde” assegurado pela noção de Cidadania:

A concepção desse novo direito de cidadania ativa, no campo da saúde, confere à informação jornalística sobre saúde, sobre políticas públicas e terapias de saúde, um valor político na esfera da cidadania, além de seus valores pedagógicos tradicionais em campanhas sanitárias e na medicina preventiva, ou de seu entendimento como “jornalismo de serviço” (KUCINSKI, 2000, p. 183).

Revela-se a responsabilidade bioética do jornalismo ao informar, cabendo como tarefa também: denunciar abusos do poder, corrupção e violação dos direitos humanos. No caso da pessoa em sofrimento mental, a responsabilidade da mídia é muito especial, uma vez que “passou décadas reforçando estereótipos que agora precisam ser desconstruídos, caso contrário, essas pessoas não serão aceitas pelas comunidades e familiares”, de acordo com Kucinski (2000, p.184).

A desconstrução dos estereótipos perpassa várias instâncias que devem ir além de noticiar fatos envolvendo pessoas com transtorno mental, mas também evoluir para o diálogo com profissionais do assunto, fomentando a postura crítica. Além da valorização do conhecimento científico, cabe ainda ao jornalismo uma visão holística do processo saúde-doença, evitando assim a veiculação de associações impertinentes, como é, frequentemente, feita entre transtorno mental e agressividade:

Dentre os estereótipos negativos perpetuados pela mídia, está aquele que relaciona transtorno mental e agressividade. O estereótipo do doente mental como portador de níveis de agressividade crescente, tão repetido pela mídia, especialmente pela mídia de entretenimento, reflete um preconceito, não uma verdade científica (PHILO, 1996 apud KUCINSKI, 2000, p.184).

A seguir serão utilizados dois relatos de pesquisas publicadas em que se destacam a interferência da mídia na consolidação de estereótipos negativos ligados ao transtorno mental e, por fim, será discutida uma forma de contribuição para a quebra de preconceitos e a postura de um jornalismo a serviço da cidadania.

A primeira pesquisa foi divulgada em matéria *online* por Elizabeth Costa, intitulada “A mídia perpetua um mito perigoso sobre as doenças mentais” no portal *HuffPost* Brasil. Trata-se da pesquisa de Emma McGinty, professora assistente da Escola Bloomberg de Saúde pública, da Universidade Johns Hopkins (EUA), que evidenciou em um de seus estudos que histórias violentas chamam mais atenção do público e isso faz com que o pequeno número de pessoas com transtornos mentais envolvidas em casos de violência reforce o estigma.

A segunda pesquisa, publicada por Pinho (2009), relata que um jornal noticiou a história de J.M.C, pessoa com transtorno mental que estava sendo acorrentada pela família, o que levou a polícia a prender seu irmão e encaminhá-la para um hospital. Pinho (2009), que no contexto da pesquisa aborda o processo de desinstitucionalização e a lei da Reforma

Psiquiátrica (Nº 10.216/01), afirma que a notícia do jornal é sensacionalista e dotada de “uma ideologia hegemônica secularmente construída sobre o lugar do louco” (p.821), na ocasião, caracterizada pelos locais escolhidos para resolver a questão: delegacia e hospital.

A notícia foi destituída de uma visão sobre as políticas de saúde mental, o que alimentaria a percepção do senso comum que se tem sobre “o louco”, sem contribuir com mudanças nas práticas sociais. A autora ressalta que, na época, os serviços do CAPS estavam em plena implantação e não foram citados na matéria, revelando o despreparo científico do veículo ao tratar do assunto.

Através dessas pesquisas é possível notar que desconstruir estereótipos de apreciação negativa é uma demanda relevante para a sociedade e, no que se refere aos veículos de comunicação, é importante que o profissional da área exercite o compromisso ético ao transmitir notícias, respeitando os direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais, especialmente, quando envolvem a dignidade da pessoa com condições especiais de saúde. De acordo com Barros (2003, p.24):

As técnicas sensacionalistas valem-se da exploração e manipulação intensa e deliberada das emoções primárias (sensações) do leitor, do ouvinte ou do telespectador, em geral induzindo baixo nível de reflexão crítica ou intelectual a respeito dos fenômenos (“fatos”) reportados.

O autor problematiza ainda a infinidade de informações equivocadas veiculadas, por falta da participação de especialistas, demonstrando o tratamento descompromissado que alguns veículos de comunicação têm em relação às complexas questões psicológicas, levando-os a fazer afirmações categóricas sobre assuntos que nem mesmo há certezas científicas.

Guarniero, Bellinghini e Gattaz (2012) comentam que a dificuldade da aceitação social e a relutância em procurar auxílio pelos próprios indivíduos em sofrimento psíquico, são algumas consequências da abordagem inadequada da mídia relativa ao tema. As consequências não afetam somente as ciências psicológica e psiquiátrica, mas, especialmente, o próprio indivíduo diagnosticado com transtorno mental, já que, de acordo com Barros (2003), esses podem apresentar recaídas no estado de saúde devido à manifestação do preconceito por meio do sensacionalismo.

### **3.4 Perspectivas da psicologia: trilhas possíveis para desmistificação**

A Psicologia tem como objeto de estudo o homem e suas relações sociais, por isso, possui papel fundamental na problemática dos estereótipos. Essa ciência produz o saber sobre a *subjetividade*, onde constata-se que cada pessoa é única e toda tentativa de enquadrá-la em padrões pode ter um potencial adoecedor.

Freire Filho (2004, p. 47) aponta as características dos estereótipos que podem impactar a subjetividade:

[...] atuam como uma forma de impor um sentido de organização ao mundo social; [...] os estereótipos ambicionam impedir qualquer flexibilidade de pensamento na apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade ou alteridade, em prol da manutenção e da reprodução das relações de poder, desigualdade e exploração; da justificação e da racionalização de comportamentos hostis e, in extremis, letais.

Na prática, essas são exercidas através de atitudes preconceituosas que bloqueiam as diferenças e “como forma influente de controle social, ajudam a demarcar e manter fronteiras simbólicas entre o normal e o anormal, o integrado e o desviante, o aceitável e o inaceitável, o natural e o patológico [...]” (FREIRE FILHO, 2004, p. 48).

A Psicologia Social faz a interface dos fenômenos individuais e coletivos no estudo desse tema, porque como afirma o autor supracitado (2004, p. 45) “é por intermédio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência, àquilo que somos e àquilo que podemos nos tornar”. Assim, o mundo social funciona como mediador e produtor de sentido para a vida, sendo fundamental no processo de construção de identidade.

A psicologia dispõe de condições para atuar tanto na perspectiva individual, quanto na social. As possibilidades de atuação na perspectiva social dizem respeito ao profissional que atua atento ao mundo, mas que também se vê implicado nele. Esse profissional é sujeito ativo na vida em sociedade, comprometendo-se com suas transformações e pautando sua atuação também no exercício da cidadania.

Como apontado no decorrer do artigo, pesquisas evidenciam o potencial e a eficácia da mídia na difusão e perpetuação de estereótipos e as repercussões que esses podem gerar na vida da pessoa em sofrimento mental, portanto, torna-se parte do exercício de cidadania do(a) profissional de psicologia trabalhar em busca da neutralização dos aspectos que podem vir a comprometer a saúde dos indivíduos, mesmo que isso represente um problema complexo que envolve diversos atores e estruturas sociais.

Ver-se implicado no mundo social e agir em prol de sua transformação requer a capacidade de pensar criticamente e isso torna-se uma competência profissional, onde se une teoria e prática pautadas na contemporaneidade. Bosi (1992, p. 114) enfatiza, no trecho a seguir, a importância de compreender e acompanhar a movimentação do âmbito social e do pensamento crítico.

Compreender a ação social nos torna participantes inteligentes desse campo mutuamente compartilhado. Quando a socialização é uma adoção acrítica de normas e valores, ela produz o medo do conhecimento. Quando delegamos para a autoridade o ato de pensar, essa delegação faz odiar os que pensam por si.

Outras formas de atuar, sob a ótica da cidadania sugerida por Kucinski (2000), é a valorização do conhecimento científico por parte dos veículos de comunicação, sendo parte do fazer de todos os profissionais mostrarem-se presentes nas pautas jornalísticas que

envolvam o saber de seu campo, manifestando insatisfações e oferecendo esclarecimentos, como ensina o dever ético das profissões.

O que se quer dizer é que o(a) profissional deve buscar atualizações que combinem o saber científico e as demandas novas que se apresentam, para que assim consiga compreender o que e como o homem está sendo nutrido no seu processo de ser pessoa; atue na promoção do autoconhecimento e da autoaceitação.

Quando se trata de sujeitos acometidos de transtornos mentais, o dever ético amplia ainda mais seu escopo, por envolver pessoas em estado de vulnerabilidade e, em alguns casos, incapacitadas de responder por si, tornando-se a sociedade responsável por sua proteção e garantia de sua dignidade.

Os Conselhos Regionais e Federal de Psicologia foram criados em 1971 e regulamentados em 1977 e o principal propósito é regular, orientar e fiscalizar a psicologia enquanto profissão. Assim, a atuação do (a) profissional ganhou uma gama de documentos norteadores e dentre eles estão: código de ética, leis, decretos, notas técnicas e resoluções do CFP. Estes discorrem acerca da prática, pesquisa e ensino de uma psicologia que resguarda direitos humanos fundamentais, presta orientações sobre como o (a) profissional deve atuar legalmente, aborda temáticas sensíveis da sociedade, aponta focos para a atuação e mostra caminhos a serem seguidos.

Além de documentos, a categoria também é orientada através de comissões que atuam especificamente sobre uma problemática. Para a temática abordada neste artigo, cabe citar a Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia, criada em 1977, com o intuito de chamar atenção para as questões dos direitos humanos de modo a tornar essa uma pauta permanente e tem suas ações guiadas nos seguintes objetivos e atribuições, de acordo com divulgação no site oficial do Conselho Federal de Psicologia:

- I. Incentivar a reflexão e o debate sobre os direitos humanos inerentes à formação, à prática profissional e à pesquisa em psicologia;
- II. Estudar os múltiplos processos de exclusão enquanto fonte de produção de sofrimento mental, evidenciando não apenas seu modo de produção sócioeconômico como também os efeitos psicológicos que constituem sua vertente subjetiva;
- III. Intervir em situações concretas onde existam violações dos direitos humanos que estejam produzindo sofrimento mental;
- IV. Participar ativamente das lutas pela garantia dos direitos humanos na sociedade brasileira;
- V. Apoiar e prestar solidariedade aos movimentos nacionais e internacionais de direitos humanos;
- VI. Intervir em situações em que ações do Estado ou de setores sociais específicos produzam algum tipo de sofrimento mental;
- VII. Buscar soluções para a omissão de ações do Estado, especialmente relativas ao sofrimento psíquico dos excluídos.

VIII. Neste sentido, a Psicologia funciona como mediadora do mundo social e do individual e para que possa atuar na proteção da saúde mental é fundamental acompanhar como tem se dado, na contemporaneidade, a formação e propagação de pensamentos e percepções comuns à coletividade e que se problematize e discuta os impactos disso para a saúde mental.

## 4 | CONCLUSÃO

O processo de construção das representações sociais é um movimento humano, visto que conceitos e estereótipos estão estruturalmente presentes na comunicação, podendo interferir na forma como o indivíduo percebe a realidade, estruturando seus valores pessoais, crenças e discernimento. Porém, este não é passivo frente às produções do coletivo, por isso cabe também o exercício do pensamento crítico para questionar e distinguir conceitos e estereótipos, a fim de não reproduzir preconceitos.

Considera-se que a produção e circulação de notícias também têm um papel decisivo na dimensão social, sendo eficazes na orientação de comportamentos, por isso, a abordagem oferecida às temáticas ligadas a transtornos mentais podem contribuir com a perpetuação de estigmas, esses mais comumente associados a crimes, violência e uso pejorativo de termos ao referir-se ao insano ou incompreensível.

Os estereótipos apresentam-se como um obstáculo a mais para os indivíduos em sofrimento mental, porque além do desafio diário de conviver com os sintomas de sua condição, sofrem ainda os efeitos do preconceito criado no âmbito social, o que dificulta até mesmo a procura por tratamento.

Aponta-se, portanto, para a necessária presença do saber científico na construção de notícias, no intuito de que a etapa da difusão cumpra seu papel de informar e contribua com um saber comum, potencializando a qualidade da notícia e fomentando um ambiente social mais saudável. Para isso, é importante que os profissionais de saúde mental se façam presentes nesta discussão e no combate à estigmatização dos transtornos mentais. Essas intervenções devem ter, ao máximo, um foco educacional, com vistas a suprimir os impactos dos estereótipos, proporcionando orientações e desconstruindo visões cristalizadas.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, v. 6, n. 17, p. 111-125, 2001.

AZEVEDO, Diego Junior Oliveira de; SILVA, Fernando Moreno da. Colocações, estereótipos e clichês: definições e diferenças. **ReVEL**, v. 15, n. 29, 2017.

BACCEGA, Maria Aparecida. O estereótipo e as diversidades. **Comunicação & Educação**, n.13, p. 7-14, 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. SP: Edições 70, 2011.

BARROS, Luiz Ferri de. O sensacionalismo da imprensa na cobertura de crimes de natureza psicopatológica e suas consequências. **Revista CEJ**, v. 7, n. 20, p. 23-29, 2003.

BOSI, Ecléa. Entre a opinião e o estereótipo. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 32, p. 111-118, 1992.

CABECINHAS, Rosa. Media, etnocentrismo e estereótipos sociais. In: I Congresso de Ciências da Comunicação, 2002, Lisboa. **Anais**. Lisboa: Universidade do Minho, p. 407-418, 2002.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **O que é a Comissão de Direitos Humanos**. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/cfp/comissao-de-direitos-humanos/>. Acesso em: 15 dez. 2018.

COSTA, Elizabeth. **A mídia perpetua um mito perigoso sobre as doenças mentais**. 2016. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/2016/09/09/a-midia-perpetua-um-mito-perigoso-sobre-as-doencas-mentais\\_a\\_21697931/](https://www.huffpostbrasil.com/2016/09/09/a-midia-perpetua-um-mito-perigoso-sobre-as-doencas-mentais_a_21697931/). Acesso em: 19 ago. 2018.

FREIRE FILHO, João. Mídia, estereótipo e representação das minorias. **Eco Pós**. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, UFRJ, v. 7, n. 2, p. 45-65, 2004.

GOETZ, Everley Rosane et al. Representação social do corpo na mídia impressa. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 2, p. 226-236, 2008.

GUARNIERO, Francisco Bevilacqua et al. O estigma da esquizofrenia na mídia: um levantamento de notícias publicadas em veículos brasileiros de grande circulação. **Revista de psiquiatria clínica**, v.39, n.3, p. 80-84, 2012.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalismo, saúde e cidadania. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 4, p. 181-186, 2000.

MACHADO, Ana Lúcia. Reforma psiquiátrica e mídia: representações sociais na Folha de S. Paulo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, p. 483-491, 2004.

PINHO, Márcia Andrade. Saúde mental, mudança social e discurso bioético: uma face da desinstitucionalização revelada em uma notícia de jornal. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 19, p. 817-828, 2009.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Agronegócio 103, 104, 105, 107, 108

Análise 6, 1, 3, 5, 9, 12, 13, 15, 22, 24, 25, 29, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 49, 51, 52, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 71, 76, 79, 91, 98, 99, 100, 103, 108, 109, 110, 116, 138, 141, 142, 144, 145, 158, 160, 174, 178, 179, 187, 188, 203, 210, 215

### B

Biopoder 4, 7, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 83, 84, 112

Biopolítica 4, 7, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 83, 84, 85, 112, 113, 114

### C

Censura 7, 2, 3, 96, 122, 188, 194, 195, 197, 198

Ciberdemocracia 4, 7, 86, 87, 88, 96, 98

Ciberespaço 4, 7, 31, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 86, 87, 88, 91, 95, 155, 156, 162, 174

Cidadania 7, 56, 57, 67, 71, 72, 78, 85, 136, 137, 138, 139, 140, 145, 181, 182, 184, 187, 218

Compartilhamento 17, 21, 27, 29, 59, 76, 78, 87, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 97, 154, 157, 160, 161, 162, 168, 169, 171, 172, 209, 213

Comportamento 11, 67, 97, 159, 160, 170, 179, 181, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 212, 214, 216, 218

Comunidade 6, 39, 46, 47, 77, 78, 85, 88, 95, 114, 116, 139, 140, 143, 144, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 201, 204, 214

Construção 4, 6, 15, 17, 31, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 42, 45, 57, 67, 73, 88, 113, 119, 170, 171, 176, 177, 179, 184, 186, 188, 193, 195, 204

Cultura 4, 16, 20, 22, 23, 24, 26, 31, 32, 36, 37, 39, 47, 51, 64, 65, 67, 70, 72, 73, 75, 84, 88, 98, 108, 110, 113, 119, 138, 142, 147, 151, 152, 157, 174, 181, 187, 188, 192, 194, 195, 198, 218

### D

Direitos 6, 40, 46, 50, 56, 57, 64, 67, 69, 70, 71, 72, 75, 98, 102, 137, 182, 183, 185, 187, 218

Discurso 3, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 52, 57, 58, 60, 61, 62, 64, 67, 70, 81, 84, 99, 100, 101, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 129, 187, 188, 198

Dramas 8, 188, 189, 192

## **E**

Ecologia 16, 46, 47, 48, 49, 50, 144

Educação 4, 15, 46, 47, 48, 50, 51, 53, 60, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 93, 99, 100, 155, 174, 175, 186, 187, 216, 218

Enunciação 6, 38, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Estereótipos 8, 70, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187

## **F**

Fake News 4, 5, 7, 18, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 129, 133, 134, 145

Fotografia 4, 6, 46, 48, 50

## **G**

Gênero opinativo 4, 6, 1, 2, 3, 5, 7, 8, 12, 13

## **H**

Humano 139, 150, 151, 152, 170, 179, 181, 186, 200, 201, 203, 204, 205, 207, 208, 210, 214, 216

## **I**

Inclusão 20, 46, 47, 48, 50, 51, 138, 139, 180

Información 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 149, 150, 151, 152, 153

Inteligência 89, 112, 155, 156, 173, 174, 204, 212

Internet 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 48, 50, 52, 55, 59, 74, 75, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 94, 98, 122, 123, 124, 128, 129, 130, 134, 141, 150, 154, 155, 156, 158, 159, 161, 169, 170, 171, 173, 175, 194, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 210, 211, 213, 215, 216, 217

## **J**

Jornais 3, 4, 6, 21, 23, 32, 49, 52, 53, 59, 64, 65, 66, 89, 180

Jornalismo 1, 2, 3, 4, 6, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 82, 86, 92, 96, 99, 182, 187, 218

## **L**

Leitura 5, 44, 53, 107, 178, 209, 218

## **M**

Manifestações 6, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 66, 74, 84, 113

Mídia 4, 6, 7, 3, 11, 14, 16, 21, 22, 24, 25, 26, 32, 38, 39, 41, 49, 50, 52, 53, 57, 58, 59, 60, 74, 77, 79, 85, 89, 90, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 161, 176, 177, 178,

179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 194, 195, 218

Migrante 6, 34, 35, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44

Mulher 6, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 63, 68

## **N**

Necropolítica 112, 113, 114, 120

Notícia 4, 6, 1, 9, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 40, 43, 45, 79, 90, 91, 93, 94, 96, 101, 103, 183, 186, 187

## **O**

Objetivo 4, 1, 6, 18, 19, 24, 25, 27, 28, 34, 35, 37, 40, 47, 48, 49, 52, 53, 57, 58, 64, 79, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 96, 104, 112, 114, 123, 129, 130, 139, 154, 161, 163, 165, 166, 169, 171, 179, 180, 192, 193, 200, 204, 214

Olhar 9, 11, 34, 36, 37, 44, 70, 74, 77, 100, 103, 114, 120, 177, 188, 202

## **P**

Pandemia 4, 7, 8, 9, 11, 99, 101, 104, 105, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 124, 134

Participação 6, 15, 20, 24, 25, 29, 47, 63, 67, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 91, 96, 119, 141, 154, 156, 164, 168, 172, 175, 183

Pesquisa 1, 3, 15, 17, 18, 20, 21, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 35, 39, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 58, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 86, 88, 89, 92, 94, 98, 99, 100, 103, 114, 138, 146, 160, 173, 174, 175, 176, 178, 180, 182, 185, 200, 201, 203, 204, 206, 207, 210, 213, 214, 218

Política 4, 8, 6, 11, 36, 59, 64, 65, 66, 67, 70, 72, 73, 86, 87, 89, 91, 92, 96, 100, 101, 103, 107, 114, 122, 123, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 145, 147, 188, 198, 202, 214, 218

Propaganda 7, 72, 95, 105, 108, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 180

## **Q**

Qualidade 10, 21, 25, 27, 48, 50, 53, 92, 103, 142, 144, 145, 186, 209, 210, 212, 213, 214

Questões 20, 22, 40, 49, 50, 79, 82, 88, 99, 100, 112, 139, 141, 144, 145, 146, 177, 179, 183, 185, 194, 205

## **R**

Redes sociais 7, 18, 19, 23, 24, 27, 28, 31, 58, 59, 78, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 119, 122, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 174, 175, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217

Reportagem 6, 1, 9, 10, 12, 17, 31, 34, 35, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 83, 90, 93, 94, 101

Representações 6, 34, 35, 36, 37, 45, 50, 64, 65, 67, 68, 70, 71, 72, 110, 111, 119, 176, 177, 179, 180, 184, 186, 187, 210

Responsabilidade social 27, 33, 136, 137, 138, 140, 147, 218

## **S**

Saúde 4, 6, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 68, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 115, 116, 117, 119, 120, 143, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 203, 213, 216, 217

Sentido 6, 34, 36, 37, 39, 42, 50, 53, 55, 61, 63, 65, 67, 75, 77, 79, 80, 81, 84, 100, 102, 103, 106, 109, 110, 113, 114, 119, 140, 151, 155, 159, 161, 164, 167, 169, 171, 172, 180, 181, 184, 186, 188, 192

Surdos 46, 47, 48, 49, 50, 51

Sustentabilidade 7, 56, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146

## **T**

Teledramaturgia 188, 189, 192, 198

Texto 3, 6, 7, 8, 31, 37, 39, 40, 41, 42, 44, 52, 60, 61, 69, 79, 83, 84, 93, 94, 99, 100, 105, 106, 108, 159, 161, 169, 170, 201, 218

Transtorno 8, 176, 177, 178, 180, 182, 183

## **U**

Usuário 18, 19, 78, 88, 97, 115, 117, 118, 207, 208

## **V**

Virtual 8, 51, 78, 87, 88, 90, 92, 95, 96, 154, 159, 171, 175, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 211, 214, 216

Visualidade 7, 110, 114



